

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

### RESENHA

#### DE ZUMBI À FÊNIX – A CONDIÇÃO DA TEORIA LITERÁRIA HOJE

*O lugar da Teoria Literária*

André Cechinel (org)

(Florianópolis: EdUFSC; Criciúma: Ediunesc, 2016)

Leoné Astride Barzotto (UFGD)

leoneastridebarzotto@gmail.com

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (Todorov 2010: 76)

A Teoria Literária pode ser compreendida atualmente como Teoria e ponto (.)? Há espaço para a Teoria Literária nos circuitos acadêmicos nacional e internacional? A Teoria Literária ocupa um lugar privilegiado, de elite, na academia brasileira, em especial nos cursos de Letras do país, ou há declínio em seu prestígio? Os cursos de ensino fundamental e médio conseguem absorver as mudanças na área da Literatura e prover benefícios a partir delas? O academicismo nutrido pelo *publish or perish* leva em conta o contexto atual da Teoria Literária ou ela está em queda justamente por conta dele? O valor estético do objeto literário sobrevive diante da avalanche de produtos da cultura de massa e popular ou, como elemento surpresa, adapta-se aos novos movimentos culturais? As novas tecnologias e mídias incorporam ou fragmentam o teor

literário tal qual preconiza a Teoria? Enfim, a Teoria Literária está moribunda, viva ou morta de vez?

Tal qual a coruja ateniense, a Teoria Literária reclama os holofotes do discernimento e da sabedoria para se tornar protagonista de um enredo de quatrocentas e trinta e nove páginas. O livro *O lugar da Teoria Literária* (Florianópolis: EdUFSC; Criciúma: Ediunesc, 2016) almeja responder às perguntas acima elaboradas e tantas outras diluídas de cada uma delas e, dessas igualmente, outras mais. Livro de fôlego, nacional e impactante, no debate contemporâneo da Teoria Literária e ambicioso na complexidade temática dos subgrupos de reflexão. Divide-se em seis eixos: “Fim da Teoria”; “Estado da Teoria”; “Lugares da Teoria”; “Literatura pós-Teoria”; “Poesia, corpo, psicanálise” e “Literatura e ensino”. Embora cada eixo desses tenha fibra para compor, por si só, um livro de semelhante finalidade, eles têm em comum justamente o que se resume no título do livro, ou seja, o “lugar”: menos como espaço literal a ser ocupado e mais como ethos de produção comunitária. O lugar da teoria literária é o fio condutor de todas as reflexões-capítulos, com distanciamentos e aproximações, os quais tratarei adiante.

A coletânea conta com vinte capítulos; desses, três capítulos são contribuições de autores do exterior, a saber: Eduardo Subirats (New York University); Jonathan Culler (Cornell University) e Peter Barry (Aberystwyth University). Os demais capítulos trazem preocupações e dilemas em torno do assunto eleito, a partir de vários e distintos olhares de pesquisadores renomados no mundo das Letras, em sua maioria. Esta obra acaba de ser publicada e instiga, sobremaneira, a já acalorada discussão acerca do vigor da Literatura e da eficácia da Teoria Literária nesta segunda década do século XXI. Para além dos autores supracitados, há capítulos de Alamir Aquino Corrêa (UEL); Alckmar Luiz dos Santos (UFSC); Aline Magalhães Pinto; André Cechinel (UNESC), também o organizador da coletânea e o apresentador da obra; Cristiano de Sales (UTFPR); Dalva de Souza Lobo (UFLA); Eneida Maria de Souza (UFMG); Fabio Akcelrud Durão (Unicamp); Flavia Trocoli (UFRJ); Ivete Walty (UFMG); Luiz Costa Lima (PUC-RJ); Márcio Seligmann-Silva (Unicamp); Maria da Glória Bordini (UFRGS); Nabil Araújo (UERJ); Paulo Franchetti (Unicamp); Regina Zilberman (UFRGS) e Sérgio Luiz Prado Bellei (UFMG).

Na apresentação de abertura do livro, o organizador André Cechinel clama por um status singular-plural da Teoria da Literatura, mesmo no enfrentamento de um momento de pretensa crise neste campo do saber. Portanto, não assume ele próprio o fim da Teoria. Contudo, intrigantemente, o primeiro eixo é denominado “Fim da Teoria” e nele há uma defesa ferrenha, por meio dos autores que o representam, no que tange uma séria crise, um ser-para-a-morte, da Teoria – aqui, então, grifada e enaltecida com “T” maiúsculo. Neste eixo, a crise da Teoria é colocada em primeiro plano e encarada de frente, posto que é vista como uma ameaça até mesmo para os estudos literários acadêmicos. A crise é, neste ponto, a queda; pois, segundo Durão, “Seus anos heroicos já se foram” (2016: 17). A Teoria é dissociada - em nomenclatura - da Literatura, ou seja, não se debate em torno da Teoria Literária, mas da Teoria que necessita de um vínculo com a Literatura.

Obliquamente, critica-se a faceta de aplicabilidade assumida (ou atribuída à) pela Teoria, ou seja, usa-se elemento teórico X para analisar elemento literário Y. Assim, a Teoria perde, supostamente, parcela de sua áurea estética e se torna, tão somente, aplicação. A Teoria com “T” maiúsculo se justifica, neste eixo, pelo seu caráter de universalidade e potencial autorreferencial, quase que um gênero específico das Letras. *En passant*, considera-se a acidez do mercado, quando a universidade vira uma empresa e o conhecimento uma mercadoria, mais um objeto de consumo diante de tantos outros na disputa entre a oferta e a procura. Logo, se a Teoria não analisa, ou não deve analisar, porque então não elabora abordagens de leitura do objeto literário? Para Sérgio Bellei, a crise é muito mais institucional do que da Teoria propriamente dita. Segundo ele, ainda, antes da Teoria outros elementos estiveram em crise profunda, “morreram” e viveram de novo: o autor, o sujeito, os relatos, a mimese, a literatura e a arte. Portanto, antevê a recuperação de uma protagonista moribunda, contradizendo o perfil zumbi dado anteriormente a ela - uma morta-viva de futuro incerto -, posto que enfatiza em seguida a capacidade de sobrevivência da mesma. Neste instante, a Teoria é vista como um zumbi, mas se o zumbi é um morto (muito embora “vivo” por ordem do maravilhoso), sem vontade própria e tampouco provido de personalidade, não teria como sobreviver, uma vez que a Teoria-zumbi já estaria morta de fato. Tal contradição me soa positivamente, já que remete à crença de que o autor quer mesmo acreditar na sobrevivência da Teoria e não no seu fim, como preconiza, ao fim e ao cabo, todo o eixo: “Torna-se necessário, por assim dizer, tomar conhecimento do seu enfraquecimento ou desaparecimento apenas para, depressa, reconhecer também a sua sobrevivência e, talvez, até mesmo a sua relevância e força de fecundidade” (Bellei 2016: 45-46, grifos meus).

Deste modo, o “fim” - enquanto término - da Teoria perde espaço para possibilitar pensarmos nos “fins” - enquanto meios - da Teoria. Sendo assim, para que serve a Teoria? A coletânea não apresenta uma resposta definitiva, mas aponta caminhos. Um desses caminhos/alternativas seria a “teorização”, uma vez que a teoria não é, nem deve ser, um fim em si mesma. A teorização considera todos os elementos que compõem o texto e, como um deles, entra em cena a Teoria. A teorização rompe com a passividade tradicional da análise teoria X e texto Y, colocando teorias e textos em confronto ativo, sem a predeterminação analítica. Ironicamente, o eixo prevê a morte da Teoria porque ela se encontra num umbral lamacento e caótico de uma suposta crise ideológica, política, mercadológica, acadêmica e estética. No entanto, o que sobressai da leitura diverge disso; nas entrelinhas pulsa o vigor inerente à área da Teoria, da sua capacidade de resiliência e, em especial, da necessidade de sua sobrevivência.

Como pesquisadora dos estudos pós-coloniais e das práticas culturais inerentes a eles, eu estou acostumada a demarcar o lócus de enunciação; quando está em jogo uma proposta de análise literária, sobremaneira. Nesta perspectiva, esclarecer sobre o que se fala, quem e de onde se fala, como se fala e para quem se fala é, no mínimo, salutar. Neste sentido, o segundo eixo “Estado da teoria” ilumina as propostas de “como se fala”, uma vez que os autores questionam o lugar da Literatura em uma Teoria e usam Teoria Literária ao invés de enfatizar a Teoria – com “T” maiúsculo,

unicamente, e aceitam que a teoria é um conglomerado de teorias, das mais distintas áreas das humanidades, a serviço de orientação e reorientação do pensamento. Assim, desde a Antropologia até as Novas Mídias, há apropriação de conceitos e campos do saber em favor da Teoria Literária. Por este panorama de investigação, entram no bojo do debate velhos ou requentados procedimentos de análise literária, levantados à guisa de uma crítica coerente e de consonância no eixo: a problemática das dicotomias e a falácia das ambivalências, quer no âmbito da análise do discurso e da linguagem, quer no da perspectiva literária. Neste ponto, chega-se, inclusive, a cogitar a teoria do pós-humano, numa proposta de passagem para além do humano, onde se enquadram a cibernética, a ficção científica e os sistemas de informação. Aqui, o valor da estética do objeto literário é observado, aparentemente, como algo em perigo. Contudo, brevemente, percebe-se que tudo depende, ou dependerá, das ferramentas de uso para estudo de tal objeto e da própria permanência deste novo conceito. Portanto, por meio de novos campos de reflexão, Culler é otimista ao expressar que “O campo da Teoria está definitivamente vivenciando um retorno à estética” e que “continuaremos a ter uma atividade teórica muito ativa e extremamente envolvente – a atividade da teoria literária” (2016: 96-98).

Não surpreendentemente, eu entendo este como um dos pontos cruciais da coletânea, já que é neste momento que a Teoria – de zumbi – passa a ter um estatuto vigoroso de reinvenção e, ao meu ver, torna-se uma fênix, ao renascer revitalizada das releituras de suas cinzas, transformada e disposta à uma nova relação dialógica. Em maior ou menor grau, é este o tom do debate até o final da coletânea, mesmo que alguns autores enfatizem mais seus próprios campos de atuação do que o assunto eleito. Todavia, a grande parte dos capítulos se detém ao assunto em pauta na agenda. A fênix-teoria-literária ressurgiu tão esplendorosa que uma proposta de revolução do pensamento é elencada ao tema; desta revolução eu desejo igualmente fazer parte. Por este viés, a proposta de revolução se justifica em um rompimento urgente da circulação do “sempre igual”, propagado do hemisfério norte ao hemisfério sul, para assumirmos a tarefa de criar uma rede dialógica, eficaz e criativa, no que diz respeito ao fornecimento de teoria, crítica e abordagens de análise literária próprias que se sustentam. Conforme estabelece Seligmann-Silva, esta proposta visa “romper a velha divisão de trabalho: fornecedores de matéria-prima X produtores de teoria e *software*, que agora reproduz o mapa da economia mundial. Não se trata de expandir o cânone para além do eurocentrismo, mas de criar novas teorias” porque “a sobrevivência do pensamento não fascista depende também de encararmos essa tarefa. Esse novo design e prática do diálogo devem ser urgentemente implementados” (2016: 107-111).

A indicação clara e necessária de tal proposta, remete-me ao conceito de “pensamento liminar” de Walter Mignolo, tão absorvido e defendido em meu campo de pesquisa. Para o crítico, a gnose/pensamento liminar promove uma nova epistemologia: a epistemologia das margens. Neste sentido, fala-se, cria-se, propaga-se, teoriza-se e se analisa sem a influência ou determinação do ‘Outro’. Para mim, esta revolução urge sob a forma de uma epistemologia das margens desde a virada do século e precisa ser, brevemente, consolidada:

O que todas essas palavras-chave têm em comum é seu rompimento de dicotomias, pelo fato de elas próprias constituírem uma dicotomia. Esta, em outras palavras, é a configuração-chave do pensamento liminar: *pensar a partir de conceitos dicotômicos ao invés de organizar o mundo em dicotomias*. O pensamento liminar, em outras palavras, é, do ponto de vista lógico, um lócus dicotômico de enunciação, e, historicamente, situa-se nas fronteiras (interiores + exteriores) do sistema mundial colonial/moderno. (Mignolo 2003: 126, grifos do autor)

Logo, não há como desvincular dois pontos delicados desta revolução enquanto proposta: o termo ‘margem’ e o poder de representação do hemisfério norte. Exímio leitor de Walter Mignolo, Hugo Achugar consegue abraçar estas duas problemáticas e resolvê-las como conceitos e valores das humanidades contemporâneas. Conforme postula o crítico uruguaio, as margens não estão mais delimitadas e bem definidas, pois há margens nos centros e centros nas margens: “existem Outros do Outro”, já que “parece ser necessário recordar que não é suficiente ser o Outro, mas é necessário demarcar seu posicionamento” (Achugar 2006: 32). Dito isto, parece-me que o termo ‘margem’ perde sua conotação negativa para junto de ‘epistemologia’ surgir enaltecido, tal qual a fênix da teoria. Assim, a epistemologia liminar (das margens) é um conceito cuja espinha dorsal traz o empoderamento – de lugares, de pessoas, de teorias – como pano de fundo. Ao analisar o mapa invertido das Américas, de Joaquín Torres García (1936), Achugar reafirma e atualiza o questionamento daquele em relação a localização tradicional do emissor e da produção de representações estético-ideológicas que são emitidas a partir do hemisfério norte. Neste contexto, inverter o mapa descontextualiza e ressignifica os procedimentos epistemológicos de tal modo que o nosso norte é o sul, nas palavras de Torres García:

Uma grande Escola de Arte deveria ser levantada aqui, em nosso país. Eu digo isso sem hesitar: *aqui em nosso país*. E tenho minhas razões para isso.

Digo Escola do Sul; porque, na verdade, *nosso norte é o Sul*. Não deve haver norte, para nós, mas por oposição a nosso Sul. Por isso, agora colocamos o mapa ao contrário – e então já temos uma justa idéia de nossa posição – e não como querem no resto do mundo (Achugar 2006: 291, grifos do autor).

No eixo seguinte, “Lugares da (teoria da) Literatura: desafios”, a discussão em torno da Teoria Literária é mantida; porém, articulada com o lugar do intelectual da Literatura. A capacidade de recomposição da Teoria Literária é novamente levantada porque vista como paradoxal, combativa e de vanguarda, igualmente aberta às transformações do tempo e do espaço, pois segundo Eneida Maria de Souza, “O estatuto paradoxal da teoria – e da literatura – investe-se contra o raciocínio binário e exclusivo das definições, dilui a separação entre polos considerados distintos, como ficção e teoria, arte e ciência, obra e vida, com vistas a redimensioná-los e repensá-los” (2016: 217). Assim, como diz a mesma pesquisadora, surge mais uma possibilidade de teorizar de modo a metaforizar, a fim de enriquecer o diálogo entre vários discursos porque “O gesto de teorizar alimenta-se de outros, como o de ficcionalizar, vivenciar

e metaforizar” (Souza 2016: 218). Os eixos “Literatura pós-teoria” e “Poesia, corpo, psicanálise” abrandam um pouco a questão da suposta crise da teoria literária ao dispersarem o tema eleito para tratar de diversos aspectos, ainda que concernentes a ele: os rastros autorais; o retorno ao mito; a literatura digital; a literatura poética intertextual; a corporeidade da literatura; a performance oral literária; a literatura e a psicanálise. A leitura transversal destes capítulos faz uma alusão metonímica à epifania proustiana (com o mergulho da bolacha madeleine na xícara de chá) porque traz à tona conceitos sedimentados na memória, os quais devem se ajustar, numa recuperação desta memória, aos novos moldes dos fazeres teórico, crítico e literário. Diante de um baluarte de sentidos, Alckmar Luiz dos Santos expressa que:

Temos sempre, em nossa consciência, relações com o Mundo que não se apresentam à racionalidade estrita, sem que, por isso, elas deixem de participar à nossa apreensão do próprio Mundo. [...] Dessa maneira, o texto pode ser o ‘olho indiferenciado’ (*apud* BARTHES, 1973, p. 29) que nos faz experimentar novamente *nosso nascimento em (para) um Mundo que nasce também para nós.* (2016: 310, grifos meus)

“Literatura e ensino” é o último eixo e retoma com energia o fio condutor da coletânea; refletindo acerca dos lugares para a teoria da literatura. Assim como ocorre em muitos capítulos anteriores, há um consenso na impossibilidade de uma resposta certa para o lugar da teoria literária, mas igualmente como os demais, apresentam-se algumas propostas e uma aposta na revitalização da teoria literária; partindo do pressuposto que, para tudo aquilo que há no mundo, existem mudanças. Coincidentemente, o pesquisador Almir Aquino Corrêa compactua com a proposta de teorização de Peter Barry como uma resposta (possível) para a suposta crise da área: “Dialogar com o passado, escrutinar o presente e propor qualidades encontráveis em futuro próximo são atividades próprias do exercício de teorização” (2016: 374). Contudo, avança para outras searas da Teoria da Literatura como formadora de profissionais, os quais nem sempre encontram seus postos de trabalho ao sol. O transnacionalismo da teoria também é ponto de destaque, considerando-se que nem sempre conceitos construídos e sedimentados em outras paragens culturais nos servem de suporte. Tal aspecto me faz lembrar, quase que imediatamente, do conceito de entre-lugar (*in-between space*) altamente difundido por Homi Bhabha no final do século XX. Ironicamente, este mesmo conceito já havia sido abordado por Silviano Santiago no final da década de setenta. Evidentemente, a ‘fama’ inicial fica a cargo de Bhabha, com subsequente retomada de mérito ao crítico brasileiro já no novo século, pelo afinco das academias brasileira e latino-americanas. Eu menciono esta lembrança, quase que uma *mneme* (memória involuntária), a singular título de exemplificação.

A Literatura no ensino básico e médio é apresentada neste eixo de forma bem defasada, salva tão somente pela garantia das leituras canônicas referentes aos exames vestibulares. Há, neste meio, uma enorme diluição da Literatura e do seu papel formador/humanizador, uma vez que ocupa cada vez menos espaço nas grades curriculares. Tal realidade remete à outra relevante preocupação: onde trabalharão todos

os teóricos de literatura, anualmente formados, se a escola básica não demonstra mesmo potencial de recomposição que aquele da universidade no que concerne a Literatura e a Teoria Literária? Neste lugar de realidade negativa para a Teoria Literária (o seu não-lugar nos bancos escolares básicos), Silviano Santiago é um tanto pessimista (e com razão) porque percebe as dificuldades socioculturais que ainda nos impedem de fazer mais, ainda que com menos:

Venho de um país onde um segmento considerável da população ainda é composto de analfabetos. Isso traz conseqüências para a literatura e as artes ali produzidas. [...] o nosso sistema literário se assemelha a um rio subterrâneo, que corre da fonte até a foz sem tocar as margens que, no entanto, o conformam. (2008: 64)<sup>1</sup>

Apesar da angústia que emana do vazio, embora não totalizante, da teoria literária nos ensinamentos fundamentais e médios; eu acredito que, em médio prazo, a realidade poderá ser bem mais promissora, posto que é crescente e sólida a preocupação/discussão em torno deste assunto. Conseqüentemente, surgem propostas e novas possibilidades de atuação dos profissionais e do fazer teórico-literário, como proficuamente nos demonstrou a coletânea foco desta resenha. Não obstante, as políticas do PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola são comprovantes de que estamos ‘quebrando a cabeça’ em busca de soluções viáveis, mas que estamos, bem provavelmente, no rumo certo. Portanto, retorno às concepções de ação/saída de Mignolo, em especial quando os impactos da globalização entram em cena:

Eu tenho sugerido que as condições econômicas criadas pela globalização contribuíram para a ascensão de uma ‘teorização bárbara’ como gnoseologia liminar (*epistemologia das margens*), não enquanto uma oposição a ‘civilizado’ (na dupla significação de ambos os termos civilização e cidadania); ‘teorização’, mas como deslocamento e como uma nova orientação (2004: 49; tradução minha; grifo para acréscimo meu).

Por fim, mas não menos importante, vale ressaltar dois aspectos ainda. Primeiro deles, a maioria dos vinte autores da coletânea perpassa os mais representativos movimentos da Teoria Literária; muitos mencionam o Dialogismo Crítico de Bakhtin; os Estudos Culturais; a Análise do Discurso; a Ecocrítica; a Escola de Frankfurt; o Marxismo e o Pós-Marxismo; o Novo Historicismo e a Nova Crítica; o Pós-Colonialismo; as Escritas de Gênero; outros ‘pós’, como Pós-Estruturalismo e Pós-Modernismo, por vezes em destaque; a Estética da Recepção; a Crítica Psicanalítica e até mesmo o Formalismo Russo. Evidentemente, cabe a cada autor dar proeminência ao que lhe convém. O segundo aspecto tem a ver com a eleição de teóricos por parte dos autores, já que muitos autores privilegiam enfatizar nomes como: Agamben, Foucault, Derrida, Wellek, Barthes, Benjamin, Lacan, Flusser, Culler, Fish, Eagleton, Freud, Saussure,

<sup>1</sup> I have suggested that the economic conditions created by globalization contributed to the rise of ‘barbarian theorizing’ as border gnoseology, not as an opposition to ‘civilian’ (in the double meaning of both civilization and citizenship) ‘theorizing’ but as a displacement and a new departure.

Todorov, Said, Iser, Rancière, Bloom, Compagnon, Santiago, Coutinho, Lima, dentre tantos outros conhecidos dos habitantes do universo da Letras. Pode-se observar que muitos desses teóricos foram determinantes para a existência dos movimentos acima citados.

Obviamente que uma resenha não pode dar conta de todos os pormenores e detalhes de um livro desta envergadura, tampouco apresentar respostas aos dilemas que os próprios autores percebem não existir, ou não existir neste momento. Assim sendo, convido a todos e a todas à leitura de *O lugar da Teoria Literária* (2016) porque o conjunto dos capítulos consegue apontar para o renascimento da Teoria enquanto Teoria Literária e também sugerir saídas para a polêmica crise. Neste sentido, não tenho conhecimento de uma obra mais completa que esta, em circuito nacional e na atualidade. É uma leitura inquietante, às vezes complicada, que nos tira da zona de conforto da atuação acadêmica e nos leva a reacender nossas próprias cinzas, revitalizar nossos próprios saberes, retroalimentados pela crença de que a Literatura é, sem dúvida, agente de empoderamento e pode nos levar até Ítaca.

Tem todo o tempo Ítaca na mente.  
Estás predestinado a ali chegar.  
Mas não apresses a viagem nunca.  
Melhor muitos anos levars de jornada  
e fundeares na ilha velho enfim,  
rico de quanto ganhaste no caminho,  
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.  
Uma bela viagem deu-te Ítaca.  
Sem ela não te punhas a caminho.  
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.  
Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.  
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,  
e agora sabes o que significam Ítacas.<sup>2</sup>

## OBRAS CITADAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. “Sobre a estranha morte da Teoria (com tê maiúsculo)”. In: André Cechinel, (org.), 2016. p. 29-55.

CECHINEL, André (org.). *O lugar da Teoria Literária*. Florianópolis: EdUFSC; Criciúma: Ediunesc, 2016.

CORRÊA, Almir Aquino. Há lugar para a teoria da literatura na sala de aula? In: André Cechinel, (org.), 2016. p. 373-394.

---

<sup>2</sup> ÍTACA, de Konstantinos Kaváfis (Trad. José Paulo Paes).

- CULLER, Jonathan. “Teoria literária hoje”. In: André Cechinel, (org.), 2016. p. 83-99.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. “O que aconteceu com a Teoria?”. In: André Cechinel, (org.), 2016. p. 13-27.
- KAVÁFIS, Konstantinos. *Ítaca*. Trad. José Paulo Paes. Disponível em <<http://jornalgggn.com.br/noticia/itaca-do-poeta-konstantinos-petrou-kavafis>> Acesso 10 set. 2016
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter D. “Globalization, civilization processes, and the relocation of languages and cultures”. In: Fredric Jameson & Masao Miyoshi, (eds.). *The cultures of Globalization*. Durham: Duke University Press, 2004. p. 32-53.
- SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. “Algumas questões sobre corpo e literatura”. In: André Cechinel, (org.), 2016. p. 293-317.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Teoria e software: reflexões sobre a divisão de trabalho nas Letras ontem e hoje”. In: André Cechinel, (org.), 2016. p. 101-112.
- SOUZA, Eneida Maria de. “Teorizar é metaforizar”. In: André Cechinel, (org.), 2016, p. 217-224.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.